

Empresas ignoram crise e mantêm investimentos

Crescimento das compras de máquinas mostra que maior aposta é na modernização

MARCELO REHDER

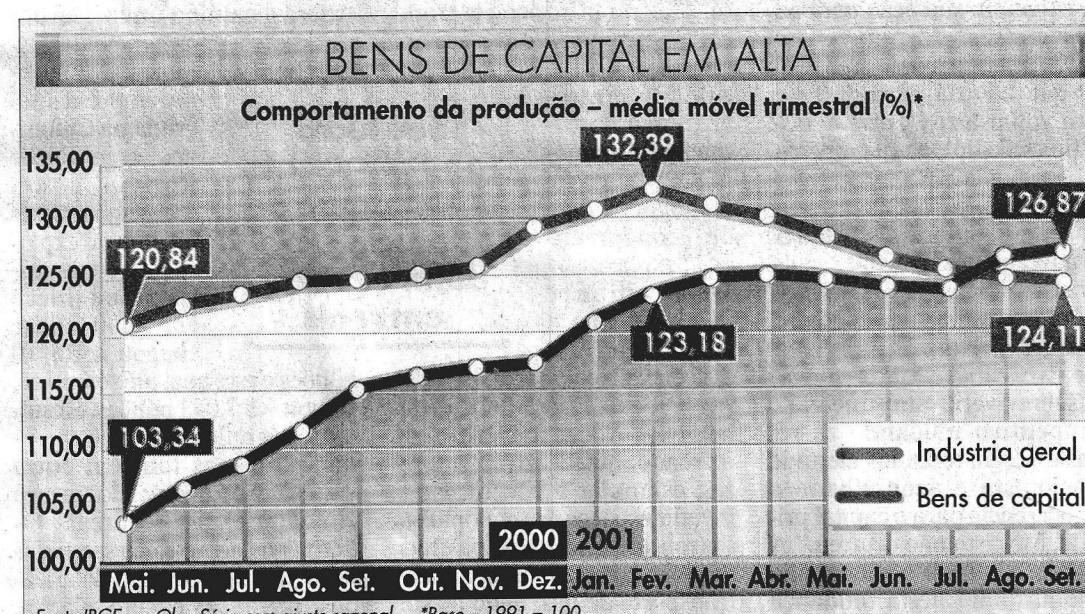
Apesar de todos os problemas que afetaram a economia brasileira ao longo do ano, os investimentos para expansão e modernização das empresas foram mantidos. Enquanto as importações do País registraram os níveis mais baixos desde meados de 2000, as compras externas de máquinas e equipamentos continuam crescendo. No mercado interno, a indústria de bens de capital vem se mantendo como o setor mais dinâmico da produção industrial este ano.

De janeiro a outubro, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento, as importações de bens de capital somaram US\$ 12,562 bilhões, 14,5% mais que em igual período do ano passado, quando ficou em US\$ 10,97 bilhões. No geral, as compras externas do País cresceram em ritmo bem mais modesto, de apenas 4,3%, acumulando US\$ 47,877 bilhões até outubro.

Na ponta, o volume das importações vem encolhendo desde julho deste ano, quando apresentou queda de 0,63% em relação a igual período de 2000. Em agosto, a desaceleração foi de 5,9%, chegando a um recuo de 17,6% em setembro e de 8,1% em outubro. Na contramão dessa tendência, as compras de bens de capital crescem mês a mês.

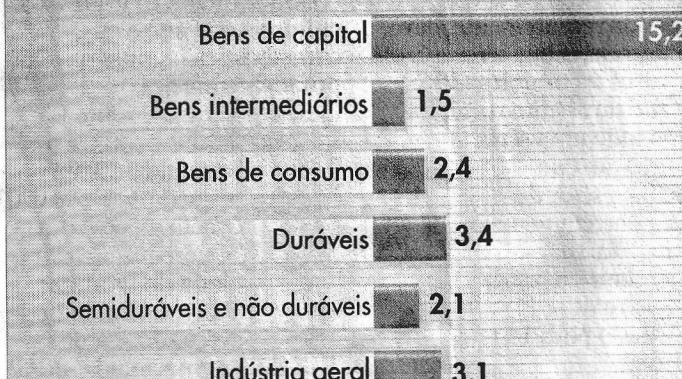
"Trata-se de fenômeno extremamente positivo, pois indica que as indústrias estão investindo no aumento da produção, na melhoria de produtividade e na substituição de equipamentos obsoletos", diz o diretor-técnico da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro.

Não por acaso, as importações dos bens de capital vêm ganhando participação no total das compras externas brasileiras, em detrimento de todos os demais grupos de produtos. Até o mês passado, os bens de capital já representavam cerca de 27% da pauta de importações do País neste ano. Em 2000, essa participação era



MÁQUINAS PUXAM CRESCIMENTO

Produção da indústria brasileira por categoria de uso – variação (%)*



* Acumulado de janeiro a setembro. Base – Igual período do ano anterior = 100
Fonte: IBGE

de 24%. Já a participação dos bens intermediários e matérias-primas recuou de 51,6% para 49,9% e a dos bens de consumo caiu de 13,1% para 12,7%. "Esse movimento espelha a desaceleração do consumo provocada pelas incertezas da economia", diz a diretora da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) Clarice Messer.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção industrial no País teve expansão de 3,1% nos nove primeiros meses de 2001, em comparação com igual período do ano passado, sustentada basicamente pelo forte desempenho dos bens de capital. A produção de máquinas e equipamentos cresceu 15,5% no período, cinco vezes mais do que o total da indústria. "Isso demonstra que o investimento continua forte, apesar da crise", diz o coordenador da pesquisa do IBGE, Sílvio Sales.

IMPORTAÇÃO

DE BENS

DE CAPITAL

CRESCEU 14,5%

sões de investimentos. Para o economista Newton Rosas, da empresa de consultoria MCM, o fato de as encomendas terem sido mantidas representa uma garantia de que as empresas vão estar preparadas para responder à demanda caso aconteça uma retomada mais forte do crescimento econômico em meados do próximo ano.

Os números do IBGE indicam que a produção de bens de capital está sendo estimulada principalmente pelos investimentos em energia. De janeiro a setembro, a produção de máquinas e equipamentos para produção e distribuição de energia apresentou aumento de 47,6%.

Um bom exemplo nessa área é o caso da Equipav Açúcar e Álcool, sediada em Lins, interior paulista, que está investindo R\$ 39,2 milhões na ampliação da capacidade instalada de sua usina de cogeração de energia, dos atuais 8,2 para 52,6 megawatts, até setembro de 2002.

Com a ampliação na potência, cujo projeto tem financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no valor de R\$ 31 milhões, a Equipav pretende destinar 11,6 megawatts à geração de energia para consumo próprio e 41 MW à geração de energia excedente para comercialização. A empre-

sa destinou cerca de R\$ 31,7 bilhões (81% do total) à aquisição de equipamentos nacionais. Só a compra de duas caldeiras de alta pressão, que vão substituir três equipamentos já obsoletos, representa 41% do valor investido.

Além do efeito energia, Sílvio Sales, do IBGE, observa que a elevação da renda no campo, proporcionada pelo bom desempenho nas vendas da safra de grãos, também alavancou as encomendas de máquinas agrícolas. Em apenas nove meses deste ano, o crescimento foi de 17,6%, na comparação com igual período de 2000.

A Italtractor Landroni, uma das principais fabricantes de pe-

ças e componentes para tratores e máquinas agrícolas, por exemplo, decidiu construir uma nova fábrica em Atibaia, interior de São Paulo. A empresa está investindo R\$ 61 milhões, dos quais cerca de 50% financiados pelos BNDES, para triplicar sua capacidade atual de produção, para 8.750 toneladas de peças ao ano.

A produção de bens seriados e dos tipicamente industriais também vem crescendo, embora em ritmo mais modesto. Dados da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), mostram que o faturamento do setor somou R\$ 19,5 bilhões de janeiro a setembro deste ano, 29% acima dos

R\$ 15,1 bilhões registrados em igual período de 2000. Na avaliação do presidente da Abimaq, Luiz Carlos Delben Leite, o setor deve fechar 2001 com faturamento de R\$ 26 bilhões, ante R\$ 21,8 bilhões no ano passado – um salto de 19%.

A Petersen Santa Clara, fabricante de máquinas para a indústria têxtil, espera crescer acima da média do setor. Segundo o empresário Klaus Petersen, diretor da Santa Clara, a empresa deve faturar pelo menos 30% mais do que no ano passado. Petersen não menciona valores, mas ressalta que a carteira da empresa está recheada com pedidos correspondentes a três meses de produção.